

Porto Alegre: uma 'cidade grande na medida certa'

Foi nos corredores da Casa de Cultura Mario Quintana que a arquiteta Cristina Todeschini, de 33 anos, compartilhou sua visão sobre a cidade que a acolheu há quase 11 anos

Jamil Aiquel
jamil@jcrs.com.br

No aniversário de 254 anos de Porto Alegre, a série especial promovida pelo **Jornal do Comércio** foca naqueles que vieram de fora e abraçaram a capital gaúcha como lar. Depois de contar a história do palestrante Kanhangá, vindo da Angola, e da nutricionista Amanda Sudário, de Porto Velho, em Rondônia, a reportagem conversou com uma das centenas de milhares de gaúchos que deixam o interior do Rio Grande do Sul para tentar a vida e fixar residência na Capital.

O cenário escolhido para a entrevista de hoje foi a icônica Casa de Cultura Mario Quintana, referência para muitos gaúchos e porto-alegrenses. Foi nos corredores deste histórico prédio, cercado por arte e referências arquitetônicas, que a arquiteta Cristina Todeschini, 33 anos, compartilhou sua visão sobre a cidade que a acolheu há quase 11 anos.

Natural de Passo Fundo, no Norte do Estado, Cristina formou-se em Arquitetura em sua cidade natal e logo sentiu a necessidade de expandir seus horizontes profissionais. A mudança para Porto Alegre ocorreu em setembro de 2015, motivada tanto pela busca por novas oportunidades de trabalho quanto pelo início de um relacionamento com um porto-alegrense. Inicialmente, o dia a dia foi cansativo, pois ela trabalhava na cidade vizinha Canoas, enfrentando o deslocamento intermunicipal diariamente por alguns anos.

Posteriormente, conseguiu se estabelecer profissionalmente na Capital, onde atua há sete anos na mesma empresa, trabalhando ao lado de amigas. "Sempre foi meu desejo sair de lá, porque é

uma cidade pequena. Eu queria ir para uma cidade maior para trabalhar. Aqui tem muito mais oportunidades", afirma.

A transição, no entanto, veio acompanhada de alguns receios. Ao trocar a tranquilidade do interior pela agitação da Capital, a principal preocupação de Cristina foi com a insegurança. Os constantes relatos sobre a violência urbana a assustavam, e ela sentiu o peso de não poder mais caminhar despreocupadamente pelas ruas, algo que até então podia fazer na pacata Passo Fundo.

Além do fator segurança, a grande escala de Porto Alegre também foi um choque inicial. "No começo, eu achava tudo muito longe, não tinha muito essa noção de distância. Hoje já estou bem acostumada e acho tudo perto por aqui, se comparado a São Paulo, por exemplo".

Mas os medos logo deram espaço ao encantamento. O que mais agradou Cristina foram justamente as opções que uma grande cidade oferece. Em Porto Alegre, ela encontrou uma agenda cultural rica que o interior não lhe proporcionava. Passou a frequentar uma infinidade de shows, uma de suas paixões, explorar as diversas cafeterias locais, aproveitar os parques e curtir eventos que reúnem o público pelas ruas, como as festas de Saint Patrick's Day. Como gremista assumida, a possibilidade de ir com frequência aos jogos do seu time do coração também se tornou um dos seus passatempos favoritos.

"Acho que Porto Alegre é uma capital legal, porque ela é grande, tem sua importância, acaba tendo eventos e coisas para fazer, só que ao mesmo tempo, ela também te acolhe mais do que outras cidades maiores. Ela é grande na medida certa", pontua.



Passo-fundense que trocou o Norte do Estado pela capital gaúcha

Casa de Cultura Mario Quintana como o segundo lar

A escolha da Casa de Cultura Mario Quintana como seu local favorito na cidade, e palco da conversa, reflete perfeitamente essa fusão entre a rica vida cultural de Porto Alegre e a sua profissão. Para Cristina, o complexo é um ponto turístico de arquitetura belíssima e com enorme peso histórico.

A arquiteta se encanta com o fato de o prédio abrigar exposições, amostras da Bienal, e ser um polo de eventos como a Noite dos Museus, além de manter viva as suas salas de cinema, o jardim e as cafeterias. "Sempre quando vem alguém de fora, quero trazer a pessoa para conhecer a Casa de Cultura. Para mim, é o lugar mais histórico da Capital", eleger.

Além dos prédios históricos, Cristina também exalta algumas transformações recentes. A revitalização da Orla do Guaíba e o Cais Embarcadero, inovações que acompanhou desde a sua chegada, são exemplos disso. "Quando eu vim para cá já existia essa orla nova e eu fui acompanhando este crescimento. Acho que isso agregou muito na cidade, já que antes não tinha nada parecido. É uma coisa que fez a diferença para

Porto Alegre", afirma.

Contudo, seu olhar profissional não ignora o que ela considera falhas de planejamento da cidade. Cristina é duramente crítica em relação à atual especulação imobiliária, demonstrando grande irritação com a desenfreada construção de edifícios "estúdio", que ela descreve como "minúsculos".

Nasua avaliação, esse mercado focado no lucro não possui uma demanda real em Porto Alegre, e medidas como o Plano Diretor ameaçam descaracterizar ruas históricas, como a arborizada Gonçalves de Carvalho, e bairros como o Floresta. A arquiteta também reprova a diminuição no investimento público para atrair grandes eventos e shows, o que afeta diretamente o turismo e o comércio.

"O governo focou muito mais nessa questão de fazer parceria com construtoras do que focar na cidade em si. A gente, morador de Porto Alegre, sente as vezes que a cidade está abandonada."

O descaso público, segundo ela, evidenciou-se de forma ainda mais trágica durante as recentes enchentes que castigaram o município. Cristina aponta a falha do

sistema de contenção e a lentidão na reconstrução e prevenção para o futuro em áreas severamente afetadas, a exemplo do Quarto Distrito. Além disso, ela aponta a contradição dessa mesma região ter recebido enormes incentivos fiscais para se tornar um polo da construção civil e de vida noturna, mas sem o devido investimento básico em infraestrutura urbana e segurança por parte do Executivo municipal. "Acredito que a prefeitura tentou fazer uma coisa legal ali. Mas eles deram incentivo fiscal para as construtoras e não investiram na segurança, na iluminação. Então acho que eles não fizeram um trabalho completo", lamenta.

Moradora da região da Avenida Independência, ela afirma vivenciar o abandono das ruas na prática, observando o fechamento de bares tradicionais na região, que resultam no aumento da insegurança. "Era uma avenida super movimentada antigamente. Tinha muito barzinho, mas tudo foi fechando e acabou se tornando uma avenida um pouco insegura, porque claro, tem menos gente na rua. Sinto falta de mais investimento na infraestrutura urbana".

Perfil

- Nome:** Cristina Roos Todeschini
- Local de origem:** Passo Fundo-RS
- Ano que chegou:** 2015
- Local preferido na cidade:** Casa de Cultura Mario Quintana
- Comida preferida:** Sushi
- Cena cultural preferida:** Casa de Cultura Mario Quintana
- Clube da Capital:** Grêmio

Desejo de melhor mobilidade e infraestrutura urbana

Inspirada pela gestão do colega arquiteto, urbanista e ex-prefeito de Curitiba Jaime Lerner, Cristina investiria em uma maior organização urbana. "O que falta aqui não é prédio, é ter um olhar visando a mobilidade e a infraestrutura urbana. Eu focaria em deixar as ruas mais bonitas, arborizadas e bem iluminadas, para melhorar a qualidade de vida das pessoas", destaca.

Apesar de algumas críticas

- que nascem justamente do seu grande afeto pela Capital -, Cristina não esconde a felicidade em morar aqui. Ela observa o famoso "bairrismo gaúcho" com simpatia, defendendo que o poder público deveria olhar para Porto Alegre com a mesma paixão com que seus cidadãos olham para a cidade. Tendo escolhido a Capital há 11 anos, ela garante que está realizada e sem planos de se mudar: Porto Alegre,

com sua arquitetura que mescla passado e presente, e a medida certa entre o agito e o acolhimento, continuará sendo o seu lar definitivo.

Essa é terceira matéria da série que está sendo publicada ao longo desta semana. Ela celebra os 254 anos de Porto Alegre pelos olhos de quem não é daqui.

JAMIL AIQUEL/ESPECIAL/JC